



## **ASSENTAMENTO ARAGUAÍ: PARTICIPAÇÃO FEMININA E CONSTRUÇÃO DE SOCIABILIDADES**

Nair Sutil<sup>1</sup>

Entendido como um dos movimentos sociais de maior expressão na história do Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem sido responsável pela re-alocação de diversos grupos e ou indivíduos em novos espaços. Seja nos períodos de acampamento e assentamento, ou de ocupação e desapropriação da área, inicia-se a formação da identidade 'sem terra', na qual os sujeitos forjam novas formas de sociabilidades em torno das lutas e demandas tornadas comuns. A luta não somente em torno da terra, mas por educação, saúde, igualdade de gênero e vida digna em todas as dimensões tem sido uma das demandas mais intensas do MST.

Neste assentamento a presença feminina foi de fundamental importância, não apenas nos estágios iniciais do acampamento como posteriormente na área desapropriada. As demandas por escola, espaços de lazer, local para culto religioso, enfim, organização da comunidade/agrovila teve a presença e a pressão constante das mulheres. A participação feminina ainda pode ser destacada nas relações estabelecidas com as comunidades vizinhas bem como na economia do assentamento.

Antiga Fazenda Ouro Verde, hoje Assentamento Araguaí, foi ocupada em 1986 por trabalhadores rurais sem terra oriundos de diversos municípios do Paraná e de estados como, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul dentre outros. Estes trabalhadores faziam e fazem parte das primeiras iniciativas do MST logo após o seu surgimento, dessa forma a área figura dentre os primeiros assentamentos do estado. O Assentamento escolhido para a pesquisa localiza-se no município de Santa Maria do Oeste, micro-região de Pitanga, Paraná, abriga 217 famílias que estão na área desde 1986. Resultado de uma das primeiras iniciativas do MST, o Projeto de Assentamento tem como data de criação o dia 15 de janeiro de 1987 numa área equivalente a 4.365,05 hectares, conforme dados do INCRA.

Atualmente o assentamento se encontra dividido em seis comunidades ou agrovilas que são as seguintes: Agrovila Nova Conquista, Linha Lontrense, Novo Horizonte, Dez de Julho, Linha Independência e Sede, ou Ouro Verde, pois algumas famílias foram assentadas na sede da fazenda utilizando a infra-estrutura existente por ocasião da ocupação. Anterior a ocupação, a área era um

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especialista em História, Arte e Cultura também pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora de História na Rede Estadual de Ensino do Paraná e aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa.



latifúndio abandonado por seus antigos donos encontrarem-se endividados com a União. Em função disso, a desapropriação da área foi rápida em relação às demais que também estavam sendo ocupadas pelos primeiros agricultores sem-terra no estado do Paraná.

Inicialmente a divisão da terra foi feita tomando como critério o número de filhos e o tempo que cada família estava acampada em busca da terra. Dessa forma, 217 famílias ficaram sobre a área com lotes de aproximadamente 6 alqueires cada uma. Estas famílias ora assentadas sobre a terra totalmente desocupada precisaram se organizar em novas lutas a fim de garantir a sobrevivência, construir seus barracos, suas casas, construir a escola, encontrar professor que aceitasse lecionar naquele espaço. Na seqüência ou na mesma ordem surge a necessidade de se construir um lugar para que os cultos e celebrações fossem realizadas, catequese das crianças - pois a maioria dos assentados eram católicos - e locais para divertimentos e lazer. Em forma de mutirão foram construídos o centro-comunitário, ou 'pavilhão' - conforme as famílias nominam esse local - onde se realizam os bailes e encontros da juventude, a escola, o campo de futebol e a cancha de bocha.

O presente trabalho pretende investigar as novas formas de sociabilidades construídas no referido assentamento em torno de lutas comuns. Os costumes, as tradições e a construção da cidadania podem ser percebidas também por este viés. Outro detalhe importante é que estas famílias eram completamente estranhas umas às outras, vindas de lugares e regiões diferentes do Paraná e até de outros estados. As afinidades ou a ausência das mesmas marcavam comportamentos como, as famílias aproximavam-se umas das outras com base nestes pontos de identificação. Um exemplo é a agrovila Linha Lontrense, na qual ficaram as famílias, ou a maioria delas, oriundas do município de Salto do Lontra Paraná, ou da região Sudoeste.

Um outro aspecto importante a ser destacado é a relação destas famílias com o poder local ou com as famílias das comunidades circunvizinhas - posseiros, arrendatários, pequenos agricultores - que não faziam parte da área de assentamento. Quase sempre percebidos com olhares diferentes, estes assentados carregavam o 'estigma' de 'sem-terra', tornando-se esta expressão um adjetivo e ao mesmo tempo uma categoria identitária. Passados 23 anos desde a ocupação da área, comunidades adjacentes ao assentamento ainda se referem aos moradores do Assentamento Araguaí como 'os sem terra'.

Inúmeros trabalhos já foram escritos pelas mais diversas disciplinas sobre o MST, seu processo de organização e sua estrutura interna, porém, ainda se faz necessário novas abordagens sob outras perspectivas no sentido de possibilitar 'ouvir' esses sujeitos desde seu lugar.



A presente pesquisa sobre o Assentamento Araguaí e seu processo de formação justifica-se por estar inserido no processo de formação e consolidação do MST como movimento social de luta pela terra. O assentamento passa a representar para as famílias uma alternativa possível e concreta de vida, contrária aos modelos impostos pelo capital e pelo avanço do agronegócio, realidade esta enfrentada pela maioria das famílias ali assentadas. É nesse novo espaço que suas vidas serão resignificadas e construídas a partir de novos pressupostos, a saber os do movimento que ora se inicia e se consolida como tal.

Sobre o MST Dom Tomás Balduino afirma:

O MST é o legítimo sucessor das heróicas lutas de camponeses acontecidas desde o longínquo passado histórico até hoje, como Canudos, Contestado, Ligas Camponesas, Trombas e formoso, entre outras. É uma herança variada e muito rica de inspiração mística, de disciplina pessoal e grupal, de intuição de caminhos novos de conquista da democracia, da cidadania, da mudança, enfim, por meio da luta pela terra e na terra, de relacionamento autônomo, independente do poder, sem jamais se deixar envolver ou cooptar por ele. (BALDUÍNO, 2004, p. 20).

Em relação aos demais movimentos de luta pela terra o MST inova e incorpora outras 'bandeiras' de luta. A conquista do espaço da terra não é o motivo único e derradeiro. Incluindo a metodologia pedagógica de Paulo Freire, a educação é a grande força do MST, assim como a organização da produção, a criação de espaços para as manifestações da cultura. O acesso dos pobres ao conhecimento e as diversas formas de expressão cultural, historicamente negado pelos governos coloniais, é tomado pelo MST como ferramenta indispensável para a transformação da sociedade. Por isso, na sua estrutura e organização internas, priorizam-se os momentos de leitura individual, mística, música, danças, tendo já alguns materiais produzidos como cartilhas sobre cultura e audiovisuais. De uma forma geral, não apenas o MST, mas os demais movimentos de luta pela terra oferecem hoje uma força de transformação política, quer através da luta quer através da resistência.

Investigar o assentamento na perspectiva da reforma agrária e do MST, implica em trazer à cena novos personagens, novas práticas, novas ações, novos signos e novos sinais, pois os movimentos sociais tem suas ações marcadas pela luta por direitos, conforme o geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira.

A educação, bem como as demais formas de crescimento e emancipação dos sujeitos devem, para o MST, propiciar uma visão concreta da sociedade, em que seus simulacros sejam desvelados pelo conhecimento que não é produzido especulativamente e distante das condições materiais da maioria, mas que se refere ao real, ou seja, como de fato é estruturado materialmente.



A produção de idéias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à atividade material e o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio espiritual entre os homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo. São os homens os produtores de suas representações, de suas idéias, etc., mas os homens reais e atuantes, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações a eles correspondentes, até chegar às suas mais amplas formações. A consciência nunca pode ser outra coisa que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo da vida real (MARX e ENGELS, 2005, p. 51).

Em 25 anos de existência, completos em 22 de janeiro de 2009, o MST propiciou e garantiu condições e dignidade de vida para inúmeras famílias, não só pela aquisição de uma área de terra, mas sim e também pela conscientização das mesmas. Para tal afirmação nos reportamos à citação seguinte:

Nesse sentido, a luta pela terra é uma luta de ressocialização e desenvolvimento territorial. É nesse contexto que compreendemos a formação e a territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Essa luta se constitui no campo das possibilidades dos processos de transformação da sociedade. Esse tem sido um movimento de avanços e refluxos de um processo em permanente construção. (MANÇANO, 2004, p.274).

Portanto, a constituição e formação de um assentamento confere ao indivíduo a possibilidade de reorganizar sua existência a partir, não apenas da terra conquistada, mas sim numa perspectiva de libertação e de conscientização. O espaço do assentamento se configura como campo de ressignificação de valores e também de novos enfrentamentos e sociabilidades, pois, no curso de sua história e experiências os sem-terra passaram a combinar várias formas de luta.

Para o desenvolvimento da pesquisa são imprescindíveis leituras de documentos, textos e outros materiais já produzidos sobre assuntos correlatos a fim de contextualizar o Assentamento Araguaí na perspectiva dos momentos iniciais do MST no Paraná. A investigação compreende, ainda e sobremaneira, entrevistas junto às mulheres assentadas, buscando em suas memórias o processo de formação do assentamento, as lutas em torno das necessidades surgidas, as novas relações estabelecidas e a construção desse novo sujeito 'sem-terra'.

Compreender o processo de formação do assentamento e suas respectivas relações sociais e culturais. Busca-se ainda perceber o enfrentamento a ideologias, percebendo que elas são fruto das contradições sociais e da forma como os homens concebem o mundo e a si próprios.

## *BIBLIOGRAFIA*

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.



- ARROYO, Miguel Gonzalez. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Gênese e desenvolvimento do MST**(Caderno de formação nº 30. São Paulo: MST, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino; MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O campo no século XXI: territórios de vida, de luta e de construção da justiça social**.  
São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004
- TORRES, Carlos Alberto. **Pedagogia da luta: Da pedagogia do oprimido à escola pública popular**. Campinas, SP: Papirus, 1997.